

## UM BALANÇO DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO NO BRASIL

Maria Paula Frota  
Pontifícia Universidade Católica-Rio  
mpfrota@let.puc-rio.br

**Resumo:** O presente artigo tem como proposta central fazer um balanço dos estudos da tradução desenvolvidos no Brasil a partir de 1996, ano em que é lançado o primeiro número da *Cadernos de Tradução*. Entretanto, para melhor caracterizar o campo de investigação, é delineado o seu contexto histórico, o qual tem como marco inicial a publicação, em 1952, do pioneiro *Escola de tradutores* de Paulo Rónai. Tal contextualização apresenta a produção bibliográfica exclusivamente voltada para a tradução e a institucionalização desta no país em diversas frentes, como a do ensino e a das associações profissionais e acadêmicas. Chegando a 1996, o artigo continua a apresentar os principais fóruns de produção e intercâmbio de conhecimentos da disciplina e passa a focar os trabalhos nela realizados de modo a discernir suas principais áreas e sub-áreas de interesse, seus objetos de pesquisa e perspectivas teórico-metodológicas. Fica patente uma marcante expansão dos estudos brasileiros sobre a tradução, ao lado de uma ampliação da acentuada diversidade que desde o início os caracterizou.

**Palavras-chave:** estudos da tradução, Brasil, contextualização histórica, áreas e objetos de investigação, perspectivas teóricas.

**Abstract:** This article is a review of translation studies in Brazil since 1996, when the first issue of *Cadernos de Tradução* was published. Nevertheless, in order to better characterize the field in question, its historical context has been outlined, beginning in 1952 with the publication of Paulo Rónai's pioneering work *Escola de tradutores*. This contextualization presents the literature concerned exclusively with translation as well as its institutionalization in the country in different spheres, such as teaching and professional and academic associations. From 1996 on, the article continues to present the discipline's main forums for the interchange and production of knowl-

edge and begins to focus on the work developed so as to identify its main areas and subareas of interest, research subjects and theoretical and methodological perspectives. What one finds is a marked expansion of Brazilian translation studies and their increasing diversity.

**Keywords:** translation studies, Brazil, historical contextualization, research areas and subjects, theoretical perspectives.

## Introdução

Conforme proposto por *Cadernos de Tradução*, que comemora os dez anos de existência da revista, este artigo visa a fazer um “balanço das teorias da tradução” desenvolvidas no Brasil a partir de 1996. Com vistas a elucidar o modo como pretendo abordar o tema, dois esclarecimentos devem ser feitos de início. O primeiro deles diz respeito a um entendimento mais flexível de “teorias”. Seguindo uma tendência forte na área, terei aqui em vista o conceito que Holmes (em particular no texto “The name and nature of translation studies”, de 1975) vinculou ao termo *translation studies* quando o propôs como alternativa a *translation theory*, que vinha sendo usado por alguns. Tal escolha justifica-se, como alegou seu proponente, pelo fato de que grande parte da pesquisa em tradução não se adequa, estritamente falando, ao que em geral se entende por “ciência”, “teoria” etc. É nesse sentido então que opto por entender “teorias da tradução” como “estudos da tradução”, termo que, além de imprimir uma maior flexibilidade epistemológica ao nosso campo, funciona como uma designação para toda a disciplina, a qual abrange categorias e sub-categorias diversas (ver Shuttleworth e Cowie, 1999: 183-4 e Bassnett-McGuire, 1980: 1).

O segundo esclarecimento, que guarda uma relação com o anterior, diz respeito à contextualização do tema a ser aqui investigado. Amplamente aceito, o termo “estudos da tradução” veio a fundar oficialmente a nova disciplina, a qual, tendo um nome próprio, ganha autonomia e condições de visibilidade, com um objeto, um jargão e um corpo de pesquisadores igualmente próprios. Contudo,

embora sem dúvida importante, essa fundação ou batismo consistiu a rigor no coroamento simbólico de um movimento que, apesar de disperso, já vinha se dando internacionalmente há algumas décadas e no qual o Brasil teve sua participação. O que pretendo esboçar a seguir é justamente a parcela brasileira desse movimento internacional, acreditando que essa contextualização nos permite estabelecer índices de continuidade e descontinuidade que caracterizam especificamente a produção dos últimos dez anos.

Para tal, proponho fazermos um recuo no tempo até o ano de 1952, quando se deu a publicação do primeiro livro sobre tradução em nosso país, *Escola de tradutores*, de Paulo Rónai.<sup>1</sup> Como veremos, o recuo que farei é facilitado por dois fatores que se inter-relacionam: a brevidade do período de tempo envolvido e a incipiência da produção, uma vez que estaremos nos referindo às décadas em que têm início os estudos que são aqui de interesse.

### **Contextualização: de Paulo Rónai (1952) a José Paulo Paes (1990) e deste à *Cadernos de Tradução* (1996)**

Tendo então o propósito de abordar o nosso tema com uma perspectiva histórica, parto de um trecho extraído do conhecido livro de José Paulo Paes publicado em 1990, *Tradução: a ponte necessária*. Nesse trecho encontramos justamente um levantamento dos primeiros estudos brasileiros sobre a tradução. Estudos, deixo claro, que não se confundem com aqueles cujos autores incursionam pela tradução e a tratam marginalmente, mas sim estudos que foram desenvolvidos por tradutores, por especialistas, e que têm na tradução o seu foco central:

O ensino universitário teve outrossim o condão de estimular os estudos de tradutologia, disciplina que encontrou seu órgão mais categorizado na revista *Tradução & Comunicação*, dirigida por Erwin Theodor e Julio Garcia Morejón (9 números

publicados entre 1981 e 1986). A mesma editora [Álamo, Faculdade Ibero-Americana de São Paulo] que lançou essa revista, cuja publicação foi infelizmente suspensa, lançou também o volume *A tradução da grande obra literária* [coletânea organizada por Waldivia Portinho, 1982], a qual veio enriquecer a nossa ainda pobre bibliografia tradutológica, onde já figuram, a par dos livros pioneiros de Paulo Rónai [*Escola de tradutores*, de 1952, e *A tradução vivida*, de 1975] e Brenno Silveira [*A arte de traduzir*, de 1954<sup>2</sup>], obras como *Tradução: ofício e arte* de Erwin Theodor [1976], *O que é tradução* de Geir Campos [1986], *Cultura e tradutologia* [1983] e *Estudos de tradutologia* [1981], coletâneas organizadas por Delton de Mattos, *Tartufo 81* (ensaio sobre a poética da tradução de teatro) [1980], de Guilherme Figueiredo, *Território da tradução*, de Iumna Maria Simon (org.) [revista *Remate de Males* n. 4, 1984], *Oficina de tradução*, de Rosemary Arrojo [1986], e poucas outras. (p. 31)

Uma consulta ao acervo bibliográfico da área de tradução da PUC do Rio confirma os títulos elencados por Paes e a eles acrescenta *Tradução e ruído na comunicação teatral*, de Geir Campos, publicado em 1982 também pela editora Álamo; *A tradução técnica e seus problemas*, outra coletânea organizada por Waldivia Portinho e publicada em 1983/4; *Tradução intersemiótica*, de Julio Plaza, publicado em 1987; e um pequeno livro de Delton de Mattos, de 1980, *A formação do tradutor em nível universitário*, no qual ele apresenta programas de cursos de tradução europeus, dois trabalhos estrangeiros traduzidos<sup>3</sup> e uma longa bibliografia selecionada sobre tradução na qual não figura nenhum título brasileiro.

Através de Aguiar (2000) são identificados outros dois livros: *Byron no Brasil: traduções*, de Onédia Barboza, publicado em 1974, e *A presença de Oscar Wilde na "belle époque" literária brasileira*, de Gentil de Faria, publicado em 1988.

Temos então, num período de 38 anos a partir do pioneiro *Escola de tradutores* até o livro de Paes, treze livros, cinco coletâneas e um periódico que se manteve durante seis anos.<sup>4</sup> É possível que

uma pesquisa mais minuciosa nos revelasse mais um ou outro livro ou coletânea a que não se teve acesso, mas não creio que nos surpreendesse com um número significativo.

É no entanto preciso observar que até agora só nos referimos a obras *publicadas* e, mais do que isso, a obras *exclusivamente* voltadas para a tradução – mesmo no caso da *Remate de Males*, revista do departamento de Teoria Literária da Unicamp, a referência feita foi a um número específico, dedicado apenas à tradução. Uma investigação mais ampla no contexto acadêmico (tendo em vista esse período entre 1952 e 1990) sem dúvida nos leva a dissertações e teses inéditas e, principalmente, a trabalhos dispersos, publicados em periódicos produzidos por outras áreas.

Quanto às primeiras, há discrepância entre os levantamentos já feitos. Em Wyler (2003: 22) temos a informação de que “em 1989 o Grupo de Trabalho de Tradução da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística – ANPOLL procurou tornar visíveis as pesquisas realizadas até aquele ano, publicando uma bibliografia [ver Baranow, 1990] com as *24 dissertações e teses sobre tradução defendidas em universidades brasileiras*” (grifo meu). Já no levantamento feito por Pagano e Vasconcellos (2003: 6) em estudo que voltarei a abordar, apenas seis teses e dissertações foram identificadas relativamente aos anos oitenta; a rigor, o primeiro registro que elas identificam é do ano de 1987. No banco de teses e dissertações (BDTD) fornecido pelo *site* do IBICT, onde há infelizmente incorreções visíveis, constam até 1989 seis que efetivamente tematizam a tradução (além de uma sobre treinamento de intérpretes simultâneos), a primeira delas relativa à tradução automática e defendida em 1973 no Departamento de Informática da PUC/RJ.

Quanto aos periódicos produzidos por outras áreas nos quais encontramos artigos sobre tradução, eles são vários. A exemplo do já citado número da *Remate de Males*, de 1984, *Ilha do Desterro* e *Trabalhos em Linguística Aplicada* publicaram cada qual um número integralmente dedicado à tradução, respectivamente em 1987

e 1988; em março de 1989 sai um número da *34 Letras* parcialmente voltado para o tema. Essa iniciativa vem a se repetir mais tarde em algumas dessas mesmas revistas e também em outras. Muitos mais são os periódicos em que encontramos, no período em foco, artigos dispersos sobre a tradução – alguns exemplos são *Letras de Hoje* (PUC/RS), *Construtura* (PUC/PR) e *Tempo Brasileiro* (Rio de Janeiro).

Ainda em relação a periódicos produzidos por outras áreas e tendo em vista o percurso que propus aqui traçar, eu gostaria de trazer o seguinte: José Paulo Paes menciona “Augusto e Haroldo de Campos, Décio Pignatari e José Lino Grünewald, [...] por suas formulações acerca da teoria da tradução poética” (1990: 30). Paes não indicou aí nenhuma dessas formulações teóricas, mas, dada sua repercussão até hoje, julgo importante registrar ao menos dois ensaios de Haroldo de Campos: “Da tradução como criação e como crítica”, publicado originalmente em 1963 na revista *Tempo Brasileiro*, e “Tradução, ideologia e história”, publicado em 1984 no número 3 da *Remate de Males*.

Também em livros primordialmente identificados com outros campos é possível encontrar trabalhos sobre tradução – do mesmo Haroldo de Campos temos os tão citados “A poética da tradução”, publicado em 1969 em *A arte no horizonte do provável*, e “*Post-scriptum/transluciferação mefistofáustica*”, publicado em 1981 em *Deus e o Diabo no Fausto de Goethe*.

Uma outra fonte onde podemos encontrar breves reflexões e depoimentos sobre a tradução nesse período embrionário de seu estudo no Brasil é o que Paes chama de “imprensa literária”. Alguns suplementos literários mereceriam destaque, entre eles certamente o “Folhetim”, publicado entre 1977 e 1989 na *Folha de São Paulo*.

Não se pode deixar de considerar que é nesse período, especialmente a partir de 1968, com a então nova lei de Diretrizes e Bases, que a tradução chega às universidades brasileiras, assim institucionalizando-se academicamente. Uma vez implementado em algumas universidades,<sup>5</sup> o ensino da tradução vai naturalmente pro-

movendo a pesquisa, os congressos, as publicações e as associações acadêmicas. Como se lê no início da primeira citação de Paes aqui feita, o ensino universitário estimulou os “estudos de tradutologia”. É a partir da iniciativa de professores universitários (Maria Candida Bordenave, da PUC do Rio, e Edson Rosa da Silva, da UFRJ) que em 1975 e em 1986 são criados dois importantes fóruns de reflexão sobre a tradução – respectivamente, o Encontro Nacional de Tradutores e o Grupo de Trabalho de Tradução da ANPOLL. Considerando-se que o II Encontro só se realiza dez anos depois do primeiro, quando então passa a realizar-se a cada dois ou três anos e a contar com a publicação de anais, podemos dizer que é nessa segunda metade da década de 1980 que se fortalecem as raízes que viriam a consolidar e expandir a produção brasileira no campo dos estudos da tradução. Os anais dos Encontros de Tradutores (1985, 1987 etc.) e do GT da ANPOLL (1987, 1988, 1989 etc.) comprovam essa afirmação.

Cabe ainda mencionar como promotores de cursos, palestras e boletins a Associação Brasileira de Tradutores, ABRATES, e o Sindicato Nacional dos Tradutores, SINTRA. A primeira, criada em 1974, juntou-se à PUC/RJ na organização dos dois primeiros Encontros, em particular através de Paulo Rónai. Ela foi desativada em 1988, ano em que se criou o SINTRA, mas volta a funcionar em fins de 1999 e retoma a promoção de cursos e agora também de congressos.

Assim sendo, se o período a que até agora nos ativemos, 1952-1990, caracteriza-se, como escreveu Paes, por uma “ainda pobre bibliografia tradutológica”, o mesmo não se pode dizer dos anos que lhe sucederam. Vejamos a seguir um levantamento, ainda sem considerações temáticas ou qualitativas, do que se produziu na área ao longo dos seis anos compreendidos entre o livro de Paes e o lançamento da *Cadernos de Tradução*.

Em 1990, além do livro de Paes, foi publicado *Procedimentos técnicos da tradução*, de Heloisa Barbosa. Em 1993 foram lançados nada menos do que quatro livros: *As (in)fidelidades da tradução*, de Francis Aubert; *O poder da tradução*, de John Milton;<sup>6</sup> *Poética da tradução*, de Mário Laranjeira; e *Tradução, desconstrução e psicanálise*, de Rosemary Arrojo.

Três coletâneas foram publicadas no período: em 1991, *Tradução: teoria e prática*, organizada por Malcolm Coulthard e Carmen Rosa Coulthard (UFSC); em 1992, *O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino*, organizada por Rosemary Arrojo (UNICAMP); e em 1994, *Letras em tradução*, organizada por Ana Beatriz Ferreira e outros alunos da PUC-Rio.<sup>7</sup>

Foi em 1994 que se deu uma importante contribuição para os nossos estudos da tradução: o lançamento da *TradTerm, Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia* (CITRAT) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.<sup>8</sup> Essa importante revista publica um volume anual, já tendo lançado dois números em um mesmo ano.

Ainda entre 1990 e 1996, multiplicaram-se os artigos em periódicos de outras áreas, tanto dispersos em números pluritemáticos – como *Hyperion Letras* (UFBA), *Organon 20* (UFRGS), *paLavra* (PUC/RJ), *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* (USP), *D.E.L.T.A.* (ABRALIN) e *Estudos Anglo-Americanos* (ABRAPUI), entre muitos outros –, quanto em números totalmente voltados para a tradução – como os de *Ilha do Desterro* (UFSC), *Trabalhos em Lingüística Aplicada* (UNICAMP) e *Alfa – Revista de Lingüística*<sup>9</sup> (UNESP), publicados em 1992; o número 8 de *Letras* (UFSM), publicado em 1994; e os de *Range Rede - revista de literatura* (UFRJ) e *Com Textos - revista do Departamento de Letras da UFOP*, ambos de 1995.

Também multiplicaram-se os cursos de formação de tradutores, dada a expansão e profissionalização do mercado. Tais cursos, de naturezas diversas – graduação, extensão, especialização e livres –, geraram uma demanda de professores especializados, o que levou à inserção dos estudos da tradução, em geral sob a forma



de linha de pesquisa, em programas de pós-graduação. Esse fato, por sua vez, foi cada vez mais intensificando a pesquisa na área e, com isso, a publicação de trabalhos e o intercâmbio acadêmico em diversos fóruns nacionais e internacionais.

Ao concluir esta seção, eu gostaria de chamar a atenção para a diversidade que caracteriza os estudos brasileiros sobre a tradução desde o seu início e que, veremos, vai tornando-se cada vez mais nítida e abrangente. Como dito, não houve aqui a pretensão de analisar tematicamente esses estudos ao longo de toda a sua história no país, mas com base apenas nas informações trazidas já se pode perceber uma diversidade presente tanto no leque de temas que eles abordam quanto nas áreas a partir das quais são produzidos.

### **Os estudos da tradução no Brasil a partir de 1996**

É no contexto bibliográfico e institucional acima esboçado que a Universidade Federal de Santa Catarina, através de seu Núcleo de Tradução, lança, em 1996, o primeiro número da *Cadernos de Tradução*, a qual vem constituindo um importante espaço em nosso país para a produção da área. Até 1999 a revista publicou quatro números anuais e a partir de 2000 aparentemente tornou-se semestral, contando hoje com dezoito números já publicados e outros em processo de finalização.

Quando lançada, a *Cadernos de Tradução* veio somar-se à única revista especializada então existente, a *TradTerm*, que, como já dito, surgira em 1994, e que tem hoje doze números publicados. Mais recentemente, em 2001, foi retomada pela UNIBERO a *Tradução & Comunicação*, com o seu décimo número anual, quebrando um silêncio que se mantinha desde 1986, quando saiu o seu número 9; hoje essa revista tem 13 números publicados. A área de tradução da PUC do Rio lançou em 2004 a *Tradução em Revista*, também anual, que esperamos venha a se firmar como mais um fórum relevante para os estudos da tradução brasileiros.

Uma outra iniciativa importante da UNIBERO consistiu na promoção, em 1998, do I Congresso Ibero-Americano de Tradução e Interpretação (CIATI). Outros dois já foram realizados, em 2001 e 2004, sempre com a participação de estudiosos de várias partes do mundo e com grande afluência de docentes e discentes pesquisadores, ligados a inúmeras instituições brasileiras. Ao lado dos já comentados Encontros Nacionais de Tradutores, realizados pela ABRAPT em parceria com diferentes universidades do país, e dos trabalhos que o GT de Tradução da ANPOLL vem ininterruptamente produzindo desde a sua criação, contamos hoje – entre periódicos, eventos e anais desses eventos – com um significativo celeiro institucional de reflexões sobre a atividade tradutória.

Talvez caiba explicitar que a raiz central desse celeiro situa-se nas várias universidades que contemplam o ensino e a pesquisa no campo da tradução, em particular através de seus programas de pós-graduação. Como já mencionado, os estudos da tradução em geral figuram nesses programas (e também na graduação) como sub-áreas ou linhas de pesquisa em “departamentos que desenvolvem estudos de linguagem e de literatura, sob várias denominações como Letras, Teoria Literária, Literatura Comparada, Línguas Modernas, Lingüística e Semiótica” (Martins, 2005: 127). A Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina é o primeiro e ainda único programa no Brasil a romper com o nomadismo característico desses estudos.

Tal nomadismo está implicado nas contribuições de revistas que não são especializadas em tradução, como bem mostram os seus subtítulos, mas que continuam a publicar números temáticos exclusivamente voltados para ela:

- em 1997 e 1999 saem mais dois números de *Ilha do Desterro: A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies* (UFSC), o primeiro deles voltado para os estudos da tradução na Alemanha e o segundo, para a tradução do teatro shakespeariano;

- em 2000, um número especial da *Alfa – Revista de Lingüística* (UNESP) tematiza tradução, desconstrução e pós-modernidade;
- em 2001, o número 6 da *Crop: revista da área de língua e literatura inglesa e norte-americana do Departamento de Letras Modernas/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas* (USP) reúne trabalhos pioneiros sobre a história da tradução no Brasil;
- em 2002, o número 13 da *Gragoatá - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras* (UFF), sob o nome “Lugares da tradução”, publica textos que abordam diferentes aspectos da tradução sob diversas perspectivas;
- desse mesmo ano datam também o volume 2/n. 2 da *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada* (ALAB), que traz trabalhos apresentados no VIII Encontro Nacional de Tradutores, realizado na UFMG em 2001, e o número 8 da *Claritas – Uma Revista do Departamento de Inglês da PUC-SP*, cujos artigos tratam da tradução em sua quase totalidade;
- em 2003, a *D.E.L.T.A. - Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, através de um número especial, publica artigos que cobrem um amplo espectro dos variados interesses da área.

Como escreveram em trabalho já aqui referido a respeito das teses e dissertações sobre tradução defendidas no Brasil, Pagano e Vasconcellos também destacam o seu “caráter nômade”, “um trabalho altamente diversificado e fragmentado quanto à sua afiliação institucional a diferentes programas de pós-graduação” (2003: 3).

Nesse seu estudo, Pagano e Vasconcellos fazem um levantamento e uma análise das teses de doutorado e de livre docência (respectivamente 39 e duas) e dissertações de mestrado (54) sobre tradução, elaboradas por pesquisadores brasileiros em instituições brasileiras (doze) e estrangeiras (cinco) nas décadas de 1980 e 1990. As autoras registram “um aumento gradual [dessas] teses e dissertações ao longo da década de 1990, com alta concentração da produção, tanto em nível de mestrado como de doutorado, nos anos

de 1998, 1999 e 2000” (p.6), último ano integralmente investigado por elas. Também registram o fato de que o Brasil, nas duas últimas décadas, acompanhou a “grande expansão dos Estudos da Tradução no contexto internacional” (p. 5).

Várias dessas teses e dissertações, além de servirem de base para um sem número de artigos, foram publicadas em forma de livro. Conforme se constata no acervo da PUC-Rio, dos onze livros sobre tradução publicados entre 1999 e 2003 por pesquisadores brasileiros, apenas dois não se inserem nesse caso – o de Ofir B. de Aguiar, *Abordagens teóricas da tradução*, de 2000, e o de John Milton, *O Clube do Livro e a tradução*, de 2002. Listo abaixo os títulos em questão:

- *Tradução e diferença*, de Cristina C. Rodrigues, 1999
- *Ossian no Brasil*, de Ofir B. de Aguiar, 1999
- *Literatura e cinema: da semiótica à tradução cultural*, de Thaís F. N. Diniz, 1999 (2<sup>a</sup>. ed., 2003)
- *A singularidade na escrita tradutora: linguagem e subjetividade nos estudos da tradução, na lingüística e na psicanálise*, de Maria Paula Frota, 2000
- *Walter Benjamin: tradução e melancolia*, de Susana K. Lages, 2002
- *Tradução de humor: transcribando piadas*, de Marta Rosas, 2002
- *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*, de Lia Wyler, 2003
- *Tradução retextualização: a tradução numa perspectiva textual*, de Neuza G. Travaglia, 2003
- *Notas do tradutor e processo tradutório: análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva*, de Solange Mittmann, 2003

As datas de publicação desses livros oriundos de teses e dissertações confirmam a constatação de Pagano e Vasconcellos relativamente à concentração de tais trabalhos acadêmicos a partir de 1998. Essas datas também indicam um curioso e talvez sintomáti-

co hiato na publicação de livros brasileiros sobre tradução: depois dos quatro que foram publicados em 1993, conforme mencionado na seção anterior, só em 1999 são lançados novos títulos. A verificação de que os quatro autores daqueles livros são Francis Aubert, John Milton, Mário Laranjeira e Rosemary Arrojo sugere uma explicação: àquela época não havia em nosso país muitos estudiosos da tradução vinculados a programas de pós-graduação e portanto com uma atuação de fôlego na pesquisa da área. No meio acadêmico do início dos anos noventa, estavam ainda começando a inserção e a visibilidade dos estudos da tradução propriamente ditos, o que tinha efeitos não só na produção como também na publicação de trabalhos de maior extensão e profundidade. Veja-se que foi levantado um total de 18 livros entre 1952 e 1993, aos quais se seguiram, após o referido hiato, um total de onze em apenas cinco anos, 1999 a 2003. Ou seja, à expansão de teses e dissertações realizadas nos últimos anos se articula uma expansão no lançamento de livros sobre tradução.

Se nos voltarmos, agora, para as coletâneas da área, veremos que a expansão na publicação de trabalhos é ainda mais acentuada. No primeiro período aqui enfocado, que compreende 38 anos, foram levantadas, juntamente com José Paulo Paes, cinco coletâneas; entre 1991 e 1994 foram identificadas outras três, um número relativamente muito mais alto; entre 1996 e 2004 esse número sobe ainda mais – nada menos do que 15 coletâneas foram publicadas nesse intervalo. Vejamos quais são elas e seus organizadores:

- *Teorizando e contextualizando a tradução*, Else R. P. Vieira, 1996
- *Limites da traduzibilidade*, Luiz Angélico da Costa, 1996
- *Tradução: a prática da diferença*, Paulo Ottoni, 1998
- *Tradução e multidisciplinaridade*, Marcia A. P. Martins, 1999
- *Práticas discursivas: instituição, tradução & literatura*, Maria José P. Monteiro, 2000
- *Traduzir com autonomia*, Fábio Alves, Célia Magalhães e Adriana Pagano, 2000

- *Clássicos da teoria da tradução v.1 (alemão-português)*, Werner Heidermann, 2001<sup>10</sup>
- *Reflexões sobre a análise crítica do discurso*, Célia Magalhães, 2001
- *Metodologias de pesquisa em tradução*, Adriana Pagano, 2001
- *Teoria da relevância & tradução: conceituações e aplicações*, Fábio Alves, 2001
- *Conversas com tradutores: balanços e perspectivas da tradução*, Ivone Benedetti e Adail Sobral, 2003
- *À margem das traduções*, Ivo Barroso, 2003<sup>11</sup>
- *Tradução: fragmentos de um diálogo*, Ofir B. de Aguiar, 2003
- *Clássicos da teoria da tradução v.2 (francês-português)*, Cláudia Faveri e Marie-Hélène C. Torres, 2004
- *Visões e identidades brasileiras de Shakespeare*, Marcia A. P. Martins, 2004

Além das que porventura me tenham escapado, provavelmente mais algumas estarão sendo confeccionadas no presente ano de 2005, o que se aplica também a livros e periódicos.

Com esse levantamento é possível confirmar a percepção que se vem tendo de um visível aumento no volume de estudos feitos sobre a tradução por pesquisadores brasileiros. Aumento que vinha se mantendo em uma base estável, recrudesce consideravelmente na primeira metade da década de 1990 e transforma-se em um verdadeiro *boom* a partir daí. Imagine-se a quantas centenas ou mesmo milhares de estudos chegaríamos se somássemos àqueles já levantados (teses e dissertações inéditas e publicadas, livros e coletâneas) todos aqueles que figuram nos anais dos incontáveis eventos nacionais e estrangeiros e nos periódicos especializados ou não. Só a *Cadernos de Tradução*, nos seus dezoito números já disponíveis, publicou nada menos do que 234 artigos,<sup>12</sup> além de 120 resenhas de livros ou traduções e 12 entrevistas!

Ao lado desse aumento no número de escritos e pesquisadores, percebe-se também que os estudos brasileiros sobre a tradução,

através dos vários fóruns e canais existentes, vêm empreendendo cada vez mais um saudável intercâmbio com instituições e pesquisadores estrangeiros – permanece o nosso forte interesse pelo que se produz lá fora <sup>13</sup> e já se percebe, apesar dos obstáculos geográficos, lingüísticos e econômicos, a presença de estudos nossos no cenário internacional. E, o que me parece tão ou mais relevante, vem aumentando o nosso interesse pela produção de nossos pares conterrâneos.

Para além desses aspectos é preciso ressaltar que, equiparando-se àqueles produzidos em países que se notabilizam pela pesquisa nesse campo disciplinar, os estudos da tradução desenvolvidos no Brasil neste último decênio apresentam uma considerável expansão no que tange à diversidade dos objetos que investigam, das perspectivas que os informam e de suas metodologias. É disso que vamos tratar a seguir.

### **Áreas e sub-áreas, objetos de estudo e perspectivas teórico-metodológicas:**

Os estudos da tradução no Brasil, como de modo geral, caracterizam-se por acentuada diversidade. A diversidade de seus subsídios teóricos e metodológicos parece decorrer do fato de que a tradução, por ser talvez a única atividade de linguagem que opera na diferença entre línguas, culturas, momentos históricos, subjetividades etc., constitui um terreno para o qual há muito convergem interesses próprios a inúmeros campos do saber – dos mais antigos aos mais recentes, como a filosofia, a literatura, a psicologia, a antropologia, a etnografia e tantos outros. Vem desses interesses multidisciplinares o rico e milenar legado que a jovem disciplina, tal como apresentada no início deste trabalho, herda já ao “nascer”. Pelo mesmo motivo e também resultando no caráter fortemente multidisciplinar da disciplina, os estudiosos da tradução recorrem a outros campos – como a lingüística, a história, os estudos

literários e os estudos culturais, por exemplo. Quanto à diversidade temática de nossos estudos, esta parece inerente à atividade tradutora, na medida em que ela acompanha a produção humana em praticamente todas as suas esferas – científica, tecnológica, midiática, política etc. etc. Vem daí a necessária estruturação dos estudos da tradução em diferentes áreas e sub-áreas que procuram dar conta do amplo espectro de suas práticas e modalidades.

Dado que não é nada simples fragmentar o campo dos estudos da tradução em áreas e sub-áreas, pois que são muitas as suas interseções e convergências, vou me basear, sem deixar de modificá-lo um pouco, no recorte que estruturou o nosso último Encontro de Tradutores. Pretendo percorrer cada uma dessas áreas com o intuito, primeiro, de indicar aquelas que me parecem mais representativas do atual decênio e, segundo, de comentar mais detidamente as que são mais pertinentes ao propósito deste trabalho.

Começo pela área que se convencionou chamar de tradução literária, cujos estudos atravessam os séculos e que se mantém por isso mesmo extremamente forte, com o mais rico acervo de discussões teóricas e conceituais relativas à atividade tradutória e às diversas esferas que ela envolve. A rigor, a tradução literária, designação que aliás vem sendo revista no sentido de ter o seu escopo ampliado, funciona como o principal terreno sobre o qual se empreende uma enorme parcela dos estudos alocados em outras áreas. A importante pesquisa que vem sendo desenvolvida por um grupo de professores da UFSC – entre eles Andréia Guerini, Cláudia de Faveri, Marie-Hélène Torres, Walter Costa e Mauri Furlan – é um bom exemplo do entrecruzamento temático e metodológico verificado em nossos estudos, neste caso a tradução literária, a historiografia e o uso de *corpora*. Nessa pesquisa eles vêm construindo uma primeira história da literatura traduzida no Brasil entre 1970 e 2000, a partir do alemão, espanhol, francês, italiano e latim, com base na análise dos dados do *Index Translationum* da Unesco. Já os estudos brasileiros diretamente situados na área da tradução literária são incontáveis, abrangendo temas os mais vari-



ados como a literatura clássica, popular e de massa, as histórias em quadrinhos, a poesia, as literaturas infantil e juvenil. São desenvolvidos por estudiosos responsáveis pela implantação da disciplina em nosso país, como Mário Laranjeira, João Azenha Jr., Álvaro Hattner, Paulo Britto, Sara Rodrigues e tantos outros, além de dezenas de novos pesquisadores que, nas mais variadas instituições, a vêm consolidando. Para concluir os meus breves e parciais comentários sobre essa área tão complexa, creio que cabe dizer que, a continuarmos operando em nossa disciplina com a distinção tradução literária / tradução técnica, essa última vem há muito merecendo de nós maior atenção.

O ensino da tradução, cujos estudos vêm se avolumando mais e mais nas últimas décadas, continua atraindo o interesse de uma grande parte dos pesquisadores brasileiros e é também uma área que abraça ricos e múltiplos aportes teóricos. Acompanhando as reconfigurações conceituais e metodológicas no campo da educação, bem como os avanços tecnológicos, em muito diferem daqueles do passado os métodos pedagógicos, as formas de avaliar os trabalhos dos aprendizes e as dinâmicas em sala de aula que hoje empregamos.

Grandes avanços também se deram nos estudos que tratam da interpretação e da terminologia, as quais, embora se constituam a meu ver mais como disciplinas vizinhas aos estudos da tradução do que propriamente como áreas suas, costumam ser a eles integradas como tal. Apesar de pouco conhecê-las, vejo os estudos sobre a interpretação cada vez mais saírem da incipiência que os caracterizava até não muito tempo atrás e a meritória luta dos terminólogos, junto aos pesquisadores e professores de tradução, pelo reconhecimento da importância de seus estudos na prática tradutória, no seu ensino e também nas discussões de caráter mais propriamente teórico.

O recorte em que venho pautando meus comentários abrange, além dessas quatro, as seguintes áreas: discurso, pós-estruturalismo, mídia e *corpora*. Quanto ao campo dos estudos historiográficos,

alocado nesse recorte juntamente com a área da tradução literária, eu vou aqui tratá-los separadamente, e mesmo priorizá-los, não só por considerar que sua atual relevância justificaria esse tratamento mas, sobretudo, porque o presente trabalho se alinha com uma de suas vertentes, a dos estudos que pretendem historiar os próprios estudos da tradução no Brasil. A área da historiografia, ao lado das de mídia e *corpora* são as que me parecem trazer o que há de mais novo nos estudos brasileiros da tradução deste último decênio, seja por seu surgimento ou por sua consolidação. Antes de comentá-las, porém, e tendo em mente as áreas do pós-estruturalismo e do discurso, eu gostaria de focar a dimensão teórica dos nossos atuais estudos da tradução, por ver também aí uma importante novidade. Proponho questionarmos, se não a possibilidade, a conveniência de, hoje, isolarmos tal dimensão, seja ela tomada como um todo ou através da eleição de alguns de seus paradigmas como áreas dos estudos brasileiros da tradução. Proponho esse questionamento na posição de alguém que há muito se inspira no ideário pós-estruturalista mas que hoje o vê – em maior ou menor grau de explicitação e de saudável transformação “antropofágica” – permear ou embasar praticamente a totalidade de nossos trabalhos. A rigor, eu diria que a nossa disciplina ganha contornos próprios, em grande medida, em decorrência do pós-estruturalismo, visto como o mais importante movimento voltado para a linguagem na pós-modernidade.

Se até um tempo atrás ainda era possível discernir na disciplina uma área que congregava as discussões teóricas sobre a tradução – área à qual de início nos referíamos como “teoria da tradução”, nome que a seguir sentimos necessidade de pluralizar para “teorias da tradução” – e que enquanto tal se diferenciava de escritos de natureza mais propriamente empírica, hoje parece no mínimo problemático fazer esse recorte. Não tanto por não se poderem selecionar e examinar correntes teóricas que, trazidas para o campo dos estudos da tradução – como é o caso do pós-estruturalismo e do discurso – ou formuladas no seu interior – como por exemplo a

teoria da (in)visibilidade, os estudos descritivos da tradução e a *Skopostheorie* –, representem ideários predominantes na disciplina. O problema de se fazer tal recorte, a meu ver, deve-se muito mais ao fato auspicioso, marcante nos nossos estudos recentes, da tomada de consciência de que não há como tratar da tradução, em qualquer de suas esferas, sem que se esteja informado por algum paradigma ou mesmo por uma série deles. Tal fato sem dúvida decorre da consolidação dos estudos da tradução. Com um novo *status* na medida em que passou a ter lugar na academia, cada vez menos propensa a ingenuidades, a escritos que se queiram intuitivos, atóricos, boa parte dos estudos que se vêm desenvolvendo em todas as áreas da disciplina nos últimos anos, ainda que se apresentem como estudos empíricos ou experimentais, encerram elaborações teóricas complexas e maduras. Isso não significa dizer que os vejo como formuladores de novas teorias, o que ainda é raro entre nós, mas sim como estudos analíticos, descritivos que contam com um embasamento teórico muitas vezes denso e explícito. O mesmo se estende às metodologias de pesquisa, visto que elas tampouco funcionam num vácuo teórico – as opções metodológicas feitas pelos estudiosos necessariamente se atrelam a opções teóricas com elas consonantes.

Dando continuidade a esta reflexão, eu gostaria de aprofundar um pouco mais o papel do pós-estruturalismo nos nossos estudos. Seguindo um movimento internacional que se configurara nas humanidades de um modo geral, bem antes da fundação da disciplina estudos da tradução na década de 1980, surgiu e se ampliou no Brasil um grupo de estudiosos da tradução que, empunhando a bandeira do pós-estruturalismo, constituiu um *front* que desfechava todas as suas munições contra o que se chamou de “teorias tradicionais da tradução”. Um verdadeiro manifesto, o pequeno mas poderoso livro de Rosemary Arrojo, *Oficina de tradução: a teoria na prática*, publicado em 1986, foi sem dúvida o marco inicial da revolução. O corpo de pesquisadores, à época ainda incipiente como a própria disciplina, parecia dividir-se entre duas tropas adversárias:

os contra e os a favor do pós-estruturalismo; caso se desfaldasse a bandeira da desconstrução, mais acirrado ainda ficava o embate. Como de costume, talvez uns poucos tenham preferido apenas observar, sem filiar-se a nenhum dos dois grupos. Aparentemente sem qualquer vítima fatal, a revolução chegou ao fim, vitoriosa, em meio ao decênio aqui em foco. Mesmo os mais ingênuos ou empedernidos essencialistas mudaram, uns mais outros menos, suas concepções e discursos. E os louros dessa vitória me parecem constituir uma das marcas mais relevantes dos estudos da tradução desenvolvidos contemporaneamente no Brasil. Não entre o público-leitor, nem entre os nossos clientes, tampouco entre os nossos alunos novatos ou sequer entre boa parte dos tradutores, mas, com certeza, entre os estudiosos da tradução não se encontra mais a defesa da absoluta transparência dos textos, da equivalência ou fidelidade perfeitas, do autor como origem primeira e única do original, da tradução como uma atividade banal ou impossível; a virada lingüística deu lugar à virada cultural; a lógica dicotômica perdeu terreno para a relativização ou gradação dos valores; as línguas se fragmentaram em formações discursivas; as contextualizações ocupam o primeiro plano de qualquer estudo; os produtos e processos tradutórios são investigados em sua relação com os mercados e forças político-ideológicas; o universo de chegada da tradução passou a ter igual ou maior relevância que o seu universo de partida; numa incrível reversão, o original é que é devedor da tradução, que lhe expande a vida; o sujeito da razão cada vez mais sucumbe à força das pulsões e do desejo inconsciente. Pelo menos entre nós, estudiosos, nada sobrou da visão da tradução como mera cópia, substituída que foi pela noção derrideana de “transformação regulada”. Fala-se de papéis ou funções da tradução, de práticas heterogêneas vinculadas a circunstâncias e momentos distintos, a interesses e objetivos vários. Finalmente retirado, por nós e para nós, da marginalidade em que havia sido tradicionalmente situado, o tradutor, hoje com nova(s) identidade(s), reescreve, manipula o texto de partida.

E neste ponto abro um pequeno parêntese para dizer que possivelmente venham despontando alguns excessos em meio a essa defesa da tradução como uma reescrita manipuladora. Parece-me que alguns argumentos e práticas trazidos pela crítica ao prescritivismo acabam por operar, dicotomicamente, a defesa de uma descrição meramente sociológica que acaba por barrar quaisquer julgamentos de valor, qualquer tentativa de se fixarem ou restringirem minimamente alguns contornos para a atividade tradutória. Mesmo antigos “adversários” por vezes hoje aderem a um tal deslizamento, a uma tal flexibilização conceitual de *tradução*, que deixaria “arrepido” o próprio Derrida. É por esse caminho que começa a se esboçar uma área nova nos estudos da tradução em nosso país, a da ética. Mas esta, pelo que concludo, ficará (ou não) para o próximo decênio. Fecho o parêntese.

Importante é dizer que nos tempos de paz e maturidade em que aparentemente vivemos, não se brandem mais as espadas nem rufam os canhões, como procurarei mostrar através da escolha que me foi possível fazer. Hoje sem dúvida predomina uma atitude não de confronto mas de complementaridade entre diferentes linhas teóricas. A raiz dessa atitude me parece residir sobretudo no fato de os estudiosos brasileiros da tradução partirem do ideário comum que descrevi mais acima, ainda que sob a forma de uma influência não-explicita ou mais distanciada. Esses estudiosos adotam referenciais teóricos e metodológicos diversos sem deixarem de neles operar uma filtragem crítica ou adaptação para os propósitos que têm em vista em suas pesquisas. Assim convivem e se complementam, por exemplo, a lingüística, a análise do discurso e os estudos culturais; o modelo de Even-Zohar e Toury e a nova história; vislumbres do marxismo de Althusser e da psicanálise freudiana. Por assim pensar, acredito que hoje seja mais viável recortarmos as diferentes áreas que compõem os nossos estudos da tradução a partir de outros critérios que não de seus pressupostos teóricos. A partir da psicanálise, por exemplo, podemos investigar o processo tradutório, o ensino da tradução ou a recepção de

textos traduzidos. Um estudo sobre a tradução para legendagem pode ser informado, entre outras, pela teoria dos polissistemas, pela teoria funcionalista, pela psicanálise e pelos estudos sobre o humor.

Seguindo esse fio de pensamento, passo a abordar a área de *corpora*, a qual, a meu ver, também tende a se dispersar por nossa disciplina, justificando-se a sua configuração como uma área específica apenas nessa fase ainda de difusão e aprendizado de suas ferramentas e técnicas de compilação e de uso, bem como de seus vieses teóricos. Essa área envolve um aspecto delicado, a resistência dos estudiosos da tradução em trabalhar na interface com a lingüística de *corpus*, trazida pioneiramente por Mona Baker para a pesquisa em tradução. Em seu excelente artigo, Berber Sardinha (2002) apresenta como uma das razões “para a lenta integração entre Lingüística de Corpus e tradução [...] a imagem negativa da lingüística (em geral) perante os tradutores e pesquisadores da área” (p. 19) – mais um sinal da consciência crítica que a meu ver caracteriza um número significativo dos nossos estudos contemporâneos. Mas, apesar desse obstáculo, somado à dificuldade de acesso a todo o aparato tecnológico necessário para o desenvolvimento de estudos da tradução com base em *corpora*, tudo leva a crer que estes de fato estão se multiplicando, ainda que em ritmo lento – consideremos, por exemplo, os vários cursos que têm sido oferecidos sobre o assunto e sua grande procura. Duas publicações que trazem uma contribuição inestimável para os que se interessam por essa nova área são os números temáticos da *Cadernos de Tradução* (2002) e da *TradTerm* (2004), ambos organizados por Stella Tagnin.

Passemos aos estudos historiográficos, mais uma das áreas que destaquei, por sua relevância e novidade, a partir do levantamento que introduz e contextualiza o presente trabalho. Com base nas publicações que conheço, creio que se podem distinguir dois grandes temas ou sub-áreas na historiografia que vem sendo desenvolvida em nosso país no campo da tradução: a da própria disciplina e a da práxis tradutória, nesta contempladas as suas funções e modalidades diversas, os diferentes papéis e identidades do tradutor.

No que diz respeito à primeira delas, parece natural que, conquistada uma identidade disciplinar, tenha se acentuado o interesse por sua própria história, a qual, como visto, é ao mesmo tempo jovem e milenar. Essa historiografia dos estudos da tradução já tinha tido início, ainda que marginalmente, seja em obras estrangeiras, como por exemplo a de George Steiner (1975), seja em obras nacionais, por exemplo o livro de Paes tomado como ponto de partida do presente artigo. Mas é no último decênio que a história dos estudos da tradução torna-se objeto central de pesquisa, assim passando a constituir, tanto lá fora como aqui, um campo de investigação no interior da disciplina estudos da tradução – veja-se por exemplo o ensaio de Arrojo (1998) que tematiza justamente os estudos da tradução como área de pesquisa independente no cenário internacional. Interessa-me aqui, contudo, focalizar trabalhos brasileiros sobre os estudos da tradução no Brasil. Como mostram artigos já aqui referidos e este próprio, trata-se de um campo múltiplo, o que propicia aos pesquisadores priorizar apenas um de seus segmentos e desse modo fazer um estudo mais minucioso – como é o caso de Pagano e Vasconcellos (2003), que se concentraram no exame de teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990 – ou, como fez Martins (2005), optar por traçar um panorama histórico mais amplo e multifacetado, no qual a historiografia dos estudos da tradução no Brasil constitui apenas uma seção.

Outros objetos de interesse nessa sub-área de nossa pesquisa historiográfica podem ser mencionados. Um deles consiste na história da institucionalização dos estudos da tradução em diferentes universidades do país – esse tema, segundo tenho notícia, será objeto de um artigo neste volume da *Cadernos de Tradução*, como o foi em Martins (2005), em particular na seção intitulada “Os estudos da tradução na academia brasileira”. Outro objeto de interesse consiste em abordagens teóricas que vêm se destacando na história da produção nacional – Aguiar (2000), por exemplo, chama a atenção, entre outros, para os trabalhos de Haroldo e Augusto de Cam-

pos em sua concepção poundiana da tradução como recriação; o de Else Vieira em sua análise do projeto antropofágico dos irmãos Campos e de outras formulações teóricas como a da estética da recepção, da teoria dos polissistemas e da noção de refração de Lefevere; e o de Rosemary Arrojo em seu estudo da tradução a partir de uma perspectiva desconstrutivista. No trabalho já citado, Martins também destaca e comenta as contribuições teóricas de Arrojo e dos irmãos Campos.

Uma iniciativa que me parece muito interessante no que tange ao registro histórico de estudos brasileiros da tradução é a coletânea organizada por Adriana Pagano (2001), intitulada *Metodologias de pesquisa em tradução*. Esse volume apresenta as pesquisas em desenvolvimento pelos quatro atuantes professores da área na UFMG, além daquelas de dois então doutorandos – sobre os protocolos verbais e o programa *Translog* –, os quais aparentemente trabalharam em estreito vínculo com Fábio Alves, que, ao lado de Pagano, integra aquele grupo de professores da universidade mineira. Um aspecto positivo desse tipo de publicação é o de reunir em um só volume as diferentes linhas de pesquisa de uma instituição, apresentando as particularidades de cada qual e também eventuais pontos de entrecruzamento. As respectivas referências bibliográficas constituem um dado igualmente relevante, na medida em que remetem os leitores para as diversas publicações de cada pesquisador, além, é claro, de informar sobre os seus aportes teóricos. Cabe dizer que essa coletânea é o volume 3 da série Estudos Lingüísticos, precedido pelo volume intitulado *Reflexões sobre a análise crítica do discurso* e organizado por Célia Magalhães (2001), outra integrante do grupo da UFMG, e sucedido pelo volume organizado por Alves (2001) e intitulado *Teoria da relevância & tradução: conceituações e aplicações*. Esses dois volumes têm o mérito de incluir vários estudos que foram realizados, sob a orientação dos referidos professores, por alunos e ex-alunos do programa de pós-graduação em que atuam. Talvez essas iniciativas merecessem ser adotadas por outras universidades que também possuam



um corpo de professores pesquisadores voltados exclusiva ou prioritariamente para os estudos da tradução.

Valendo-me do formato e objetivos da coletânea organizada por Pagano, entendendo que tanto ela quanto o presente artigo situam-se na sub-área agora em questão, a da historiografia dos estudos brasileiros da tradução, permito-me neste momento deter-me nas pesquisas dos professores da UFMG que são nela apresentadas. Cabe dizer que o farei de modo breve, procurando apenas mostrar como elas são representativas dos aspectos que até agora procurei destacar como característicos dos nossos estudos no último decênio, em particular a multiplicidade de objetos investigados, a diversidade e complementaridade teórico-metodológica e o intercâmbio entre pesquisadores e instituições.

A pesquisa desenvolvida por Alves e seu grupo no Brasil, em parceria com grupos de pesquisa na Espanha e na Dinamarca, tem como uma de suas marcas identificadoras o termo “triangulação”. Esse termo designa justamente a postura que busca superar críticas recíprocas de diversas correntes que coexistem em nossa disciplina e propor uma solução consensual que defende a aplicação conjunta de diferentes abordagens. Combinando análises qualitativas e quantitativas através da triangulação, trazida das ciências sociais, o autor analisa uma gama de metodologias utilizadas em nossa disciplina: protocolos verbais, retrospectão, questionários e entrevistas dirigidos, vídeo, julgamentos de especialistas e *softwares* como o Translog. Cito um trecho do trabalho de Alves que, repito, integra a coletânea organizada por Pagano (2001):

A técnica de triangulação apresenta-se, pois, como uma alternativa metodológica para pesquisas empírico-experimentais em tradução que almejam explicitar e descrever com objetividade as características processuais do processo de tradução sem, porém, desprezar sua natureza subjetiva. Procura-se, desta forma, identificar convergências e divergências nas análises de natureza quantitativa e qualitativa e, através do cruzamento dos dados obtidos por intermédio de

abordagens metodológicas múltiplas, chegar a resultados mais confiáveis, mais generalizáveis e, por conseguinte, com maiores condições de contribuir para elucidar questões cruciais para os Estudos da Tradução. (p. 72)

Outro professor que integra o grupo da UFMG, Carlos Gohn, também apresenta na referida coletânea a sua pesquisa, a qual me parece distinguir-se em meio aos estudos brasileiros da tradução por tratar de um tema pouco comum entre nós, a tradução de textos sagrados. Assim Gohn introduz o seu estudo:

As pesquisas sobre a tradução de textos sensíveis, em sua modalidade de textos sagrados, constituem uma área de renovado potencial para os Estudos da Tradução. A matéria-prima para esse tipo de pesquisa vem de textos que têm, há séculos, condicionado em muitos aspectos a vida dos seres humanos. Do grupo dos textos sagrados fazem parte, por exemplo, a *Bíblia Hebraica*, o *Novo Testamento*, o *Alcorão*, o *Bhagavad Gita* e, uma adição mais recente, o *Evangelho Segundo o Espiritismo*. Esses textos, com exceção do último, têm suas raízes em culturas não ocidentais, tendo sido escritos em línguas como o hebraico, grego koiné, árabe e sânscrito. (2001: 147)

Célia Magalhães também desenvolve interessantes estudos sobre a tradução, trabalhando na interface com a análise do discurso, os estudos culturais e, mais recentemente, com a lingüística de *corpus*. O seu artigo publicado na mesma coletânea apresenta o projeto de fôlego que vem sendo desenvolvido como uma das atividades importantes da linha de pesquisa em estudos da tradução da Faculdade de Letras da UFMG. Essa pesquisa, que tem como um de seus principais objetivos a melhoria do ensino na graduação, compreende várias etapas, congrega cerca de uma dezena de pesquisadores e envolve complexos materiais de informática e multimídia. Vejamos um pequeno trecho do referido artigo, o qual

nos dá uma idéia de seus propósitos e do percurso que faz para neles chegar; atente-se também para o seu interesse em superar oposições teóricas e nelas buscar aspectos complementares:

Pode-se afirmar, então, que há uma lacuna a ser preenchida no ramo da disciplina ora proposto e que uma pesquisa com *corpora* comparáveis do português do Brasil teria muito a contribuir para o estudo da tradução enquanto fenômeno genuíno de comunicação. Além disso, minha intenção ao inserir-me no quadro teórico-metodológico de estudos da tradução baseados em *corpora* é [...] complementar minha tradição de pesquisa em tradução a partir da abordagem de estudos culturais com a abordagem lingüística, ao invés de contribuir para um debate pouco frutífero de oposição entre as duas. Para tanto, tenciono analisar a tradução enquanto prática social, visando, além de contribuir para a descrição dessa prática, desvelar relações hegemônicas de poder no contexto discursivo sócio-histórico e cultural em que ela se insere. Essa proposta possivelmente permitirá aliar a tradição de pesquisa em estudos da tradução associada com o paradigma dos estudos culturais com a tradição de pesquisa em tradução ligada aos estudos lingüísticos na modernidade tardia, os quais também advogam uma agenda política, uma vez que, ao desvelar relações de poder calcadas em ideologias, assumem simultaneamente uma responsabilidade com a democracia social. (2001: 102-3)

Com o artigo que Adriana Pagano publicou na mesma coletânea, da qual estou me valendo como uma amostra representativa de aspectos novos e relevantes de nossos estudos contemporâneos, concluo minha análise da sub-área até agora em foco. Na seção do artigo em que trata das “pesquisas historiográficas no Brasil”, encontramos uma contribuição importante de Pagano ao presente trabalho, na medida em que ela justamente apresenta estudos até então desenvolvidos na área da historiografia:

No âmbito dos estudos literários e da literatura comparada, contamos com a pesquisa seminal de Else VIEIRA (1992) sobre a metalinguagem e a práxis de tradutores brasileiros nas décadas de 1970 e 1980, que aborda a tradução como operação de leitura crítica da tradição literária universal a partir do lugar da história e cultura brasileira. Sob uma perspectiva mais sociológica, temos o trabalho de Heloisa BARBOSA (1994) sobre a recepção no exterior de literatura brasileira traduzida para a língua inglesa. Lia WYLER (1995) se debruça sobre o papel do tradutor brasileiro ao longo de diferentes períodos históricos. Já John MILTON e Irene HIRSCH (1998) recortam períodos históricos e objetos de foco mais específicos, como é o caso, respectivamente, do *Clube do Livro* e as traduções de *Moby Dick* para o português feitas no Brasil. Mais recentemente, Marcia MARTINS (1999) e Maria Tereza MACHADO (2000) abordam questões de descrição e recepção a partir da análise da tradução para o inglês de *Minha vida de menina*, de Helena Morley, no caso da [segunda], e das diversas traduções de *Hamlet* realizadas no Brasil, na pesquisa desenvolvida por [Marcia Martins]. (2001: 129-130)

Os trabalhos elencados por Pagano nos trazem para o que estou considerando o segundo grande tema ou sub-área dos nossos estudos historiográficos, a atividade tradutória propriamente dita. São examinadas traduções brasileiras de obras estrangeiras, traduções estrangeiras de obras brasileiras, os papéis do tradutor e da tradução em diferentes momentos da história do Brasil. Mas no último decênio muito mais se investigaram as práticas de tradução no país, seus contextos, funções e produtos, e algumas dessas obras eu gostaria de destacar. Em 2001 sai o número 6 da *Crop*, cujos trabalhos, todos historiográficos, tratam de temas como as traduções feitas no Brasil colônia, o papel da tradução no teatro brasileiro, o *boom* da tradução no mercado editorial brasileiro, o tradutor Monteiro Lobato. Em 2002, John Milton, que organizara o volume da *Crop*, no qual também publicou um artigo sobre o Clube do Livro, dá continuidade à investigação desse tema publicando um tra-

balho de fôlego: *O Clube do Livro e a tradução*. Em 2003 Lia Wyler publica a sua “crônica da tradução no Brasil”, cuja relevância é indiscutível. Nesse livro, que tem a história da tradução no Brasil como fio condutor, mais aprendemos do que recordamos a nossa história, em muitos de seus aspectos, entre eles o político, o lingüístico, o econômico e o literário. Em Aguiar (1999) e Esteves (2003 e 2005) encontramos visões do papel da tradução na literatura brasileira do século dezanove. Ao destacarmos esses trabalhos deixamos de mencionar inúmeros outros estudos brasileiros de caráter historiográfico, entre eles muitas teses e dissertações. Pagano chega a falar da “virada histórica” nos estudos da tradução, a qual estaria sucedendo a “virada cultural” dos anos noventa (2001: 140). Acerca não da história da tradução no Brasil, mas no Ocidente, podemos citar os trabalhos de Mauri Furlan publicados no número VIII (2001) e no XII (2003) da *Cadernos de Tradução*, nos quais ele destaca diferentes concepções e práticas – respectivamente entre os romanos e na Idade Média.

Em termos teórico-metodológicos, fica muito clara nessas historiografias a já aludida preocupação em contextualizar cultural e historicamente os produtos e processos tradutórios analisados, em descrevê-los e não em julgá-los, em enxergar as suas historicidades como construções e não como descobertas. Nesse sentido percebem-se neles a influência de várias perspectivas teóricas que se complementam, entre elas a nova história (ver Martins, 1996), os *Descriptive Translation Studies (DTS)*, os estudos culturais, os estudos literários e os estudos pós-coloniais (ver novamente Pagano, 2001: 118). Deixou-se de estudar o texto traduzido apenas no seu confronto com o original e num vácuo sociocultural e histórico. Passou-se a estudar a produção e a recepção de traduções como atividades inseridas em polissistemas dinâmicos e de naturezas várias, considerando-se os interesses e políticas editoriais, as lutas de poder não só no campo mais restrito das literaturas canônicas e marginais como também nas lutas políticas intra e internacionais. São também analisadas as informações paratextuais das obras, isto é, capas e orelhas, notas, prefácios etc., além de

suas divulgações na mídia, propagandas, resenhas e entrevistas.

A rigor, a abordagem descritiva e polissistêmica, informada por combinações de perspectivas teóricas multidisciplinares, tem sido muito adotada não apenas em estudos propriamente historiográficos como também em estudos da tradução que podemos alocar em outras áreas, com outros objetos específicos de investigação. Eu destacaria como exemplo a área de mídia, como se convencionou chamá-la em nossos Encontros, e já aproveito esse “gancho” para comentar a terceira área que vem se mostrando como uma das mais férteis nos últimos dez anos dos estudos brasileiros da tradução. Como o próprio nome já sugere, trata-se de uma área extremamente ampla, que envolve inúmeros meios como o cinema e a TV, o teatro e a música, o texto jornalístico e o da propaganda, o computador; as línguas de sinais; várias modalidades de tradução são investigadas, como a legendagem, a dublagem e a legenda fechada.

Dado o trânsito entre os vários meios e seus diferentes suportes, a tradução intersemiótica ocupa um espaço muito importante nos estudos da tradução desenvolvidos nessa área da mídia. O número VII da *Cadernos de Tradução*, organizado por Thaís Diniz, tematiza justamente a tradução intersemiótica, e os artigos aí reunidos discutem relações entre poemas, contos ou romances e o teatro ou o cinema; entre este e textos documentais ou históricos; entre textos dramáticos e o cinema; entre programas de televisão e o computador, através de um novo tipo de literatura produzido *online*. O caderno que traz o programa e os resumos do último Encontro de Tradutores também deixa claro o complexo intercâmbio entre vários tipos de texto e linguagens que têm lugar no não menos complexo e vasto campo da mídia.

No que tange a questões teórico-conceituais, é preciso ressaltar o grande desafio que a mídia e as várias formas de reescrita que ela envolve trazem para a própria noção de tradução – será mesmo tradução a operação que transforma as falas dos personagens de um filme na linguagem escrita das legendas? Será mesmo tradu-

ção a operação que transforma em imagens, sons e falas de um filme as páginas escritas de um romance? A noção de tradução como reescrita, se já considerada entre textos e linguagens de uma mesma natureza, ganha aí um peso tremendo. Uma ótima amostra desse rico material de reflexão foi trazida pelo oitavo número da *Cadernos de Tradução*, intitulado *Tradução, retradução e adaptação*, organizado por John Milton e Marie-Hélène Torres.

E assim chego ao final desta história, com a satisfação, provavelmente infundada, de ter contribuído para o estudo dos estudos brasileiros da tradução, e, ao mesmo tempo, com consciência das faltas que toda escolha inevitavelmente acarreta.

Os meus parabéns aos professores de tradução da UFSC pelo trabalho que vêm há dez anos desenvolvendo e disseminando através da *Cadernos de Tradução*.

## Notas

1. Essa primeira edição sofre depois algumas revisões e ampliações.
2. Em 2004 foi publicada uma nova edição pela mesma Melhoramentos e Editora da UNESP.
3. “Problemas e perspectivas dos cursos de tradução e interpretação, na Universidade de Saarland”, de Wolfram Wilss, e “A ciência da terminologia e a formação de tradutores e intérpretes”, de Reiner Arntz.
4. Também dos anos oitenta datam os dicionários bilíngües de expressões idiomáticas e provérbios, de autoria de Sidney Camargo e Martha Steinberg, e o de falsos cognatos, de Agenor S. dos Santos. Sem dúvida bastante úteis, estas são contudo publicações instrumentais e não propriamente estudos sobre a atividade da tradução.

5. Na graduação, já em 1968 é criado um bacharelado na PUC/RJ e logo a seguir na UnB; na pós-graduação lato sensu, em 1980 tem início o curso da USP; no mestrado e doutorado, a tradução consegue inserir-se alguns anos mais tarde, em geral como uma linha de pesquisa vinculada a diferentes áreas ou departamentos, como foi o caso, por exemplo, na Unicamp. A esse respeito sugiro a leitura do trabalho de Marcia A. P. Martins (2005), em particular a seção 'Os Estudos da Tradução na academia brasileira'.

6. Republicado em 1998 pela Martins Fontes com o título Tradução: teoria e prática.

7. Não é demais lembrar que, por desinformação, posso estar omitindo outros títulos. Aproveito para estender esse comentário a todo o trabalho.

8. A respeito do CITRAT, instituído em 1992 depois de anos de sua proposição por Francis Aubert, parece relevante dizer que com ele foi gerado, na USP, um espaço institucional específico para os estudos da tradução (e da terminologia), os quais, como ocorre na grande maioria das universidades, não encontravam um abrigo próprio na estrutura departamental ou dos programas de pós-graduação. Tal lacuna foi desse modo superada na USP, o mesmo ocorrendo alguns anos depois na UFSC com a criação do NUT (Núcleo de Tradução) e finalmente do PGET (Pós-Graduação em Estudos da Tradução).

9. Este, a rigor, traz artigos sobre tradução e sobre leitura.

10. Como indica o título, esse volume e o que lhe sucede trazem traduções de textos estrangeiros.

11. Este livro não é propriamente uma coletânea como venho entendendo, pois, ainda que seja uma coletânea de textos, estes são todos de autoria de Agenor S. de Moura.

12. Devo dizer que esse número inclui alguns trabalhos de autores estrangeiros cujo total não verifiquei.

13. A esse respeito cabe mencionar as úteis traduções de livros de Antoine Berman e Lawrence Venuti publicadas pela Universidade do Sagrado Coração através de sua editora, a EDUSC.



## Bibliografia

AGUIAR, O. B. de. “A pesquisa em tradução no Brasil”. *Abordagens teóricas da tradução*. Goiânia: Ed. da UFG, 2000.

AGUIAR, O. B. de. *Ossian no Brasil*. Goiânia: Ed. da UFG, 1999.

ALVES, F. (org.) *Teoria da relevância & tradução: conceituações e aplicações*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001.

ALVES, F. “A triangulação como opção metodológica em pesquisas empírico-experimentais em tradução”. A. Pagano (org.) *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001.

ARROJO, R. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1986.

ARROJO, R. “Os ‘estudos da tradução’ como área de pesquisa independente: dilemas e ilusões de uma disciplina em (des)construção”. *D.E.L.T.A.* v. 14, n. 2, 1998, pp.423-454.

BARANOW, U. G. *Bibliografia indexada de dissertações e teses em Letras e Lingüística defendidas em universidades brasileiras – Lingüística*, vol. 1. Recife: ANPOLL, 1990.

BASSNETT-MCGUIRE, S. *Translation studies*. London & New York: Methuen, 1980.

DINIZ, T. F. N. (org.) *Cadernos de Tradução n. VII: Tradução Intersemiótica*. Núcleo de Tradução – NUT: Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

ESTEVES, L. R. “A Tradução do Romance-folhetim no século XIX brasileiro”. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, v. 42, 2003, pp. 135-143.

ESTEVES, L. R. “A Tradução do Romance-folhetim no século XIX brasileiro”. *III CIATI -*

*Congresso Ibero-Americano de Tradução e Interpretação* (meio digital), 2005.

FURLAN, M. “Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente – os romanos”. *Cadernos de Tradução n. VIII*, pp. 11-28.

FURLAN, M. “Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente: II. A Idade Média”. *Cadernos de Tradução n. XII*, pp. 9-28.

GOHN, C. “Pesquisas em torno de textos sensíveis: os livros sagrados”. A. Pagano (org.) *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: FALE-UFGM, 2001.

MAGALHÃES, C. (org.) *Reflexões sobre a análise crítica do discurso*. Belo Horizonte: FALE-UFGM, 2001.

MAGALHÃES, C. “Pesquisas textuais/discursivas em tradução: o uso de *corpora*”. A. Pagano (org.) *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: FALE-UFGM, 2001.

MARTINS, M. A. P. “Os Estudos da Tradução no Brasil”. G. M. Teles (coord.) *Diálogos ibero-americanos*. Rio de Janeiro: Galo Branco, 2005.

MARTINS, M. A. P. “As relações nada perigosas entre história, filosofia e tradução”. *Cadernos de Tradução n. I*. G. T. de Tradução: Universidade Federal de Santa Catarina, 1996, pp. 37-51.

MILTON, J. *O Clube do Livro e a tradução*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

MILTON, J. (org.) *Crop, special edition: Emerging views on translation history in Brazil*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

MILTON, J. & TORRES, M.-H. C. (orgs.) *Cadernos de Tradução n. XI: Tradução, retradução e adaptação*. PGET: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

PAES, J. P. “A tradução literária no Brasil”. *Tradução: a ponte necessária – aspectos e problemas da arte de traduzir*. São Paulo: Ática, 1990.

PAGANO, A. e VASCONCELLOS, M. L. “Estudos da Tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990”. J. R. Schmitz e M. A. Caltabiano (orgs.) *D.E.L.T.A.*, 19: Especial, 2003.

PAGANO, A. (org.) *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001.

PAGANO, A. “As pesquisas historiográficas em tradução”. A. Pagano (org.) *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001.

SARDINHA, T. B. “Corpora eletrônicos na pesquisa em tradução”. S. Tagnin (org.) *Cadernos de Tradução n. IX: Tradução e Corpora*. NUT: Universidade Federal de Santa Catarina, 2002, pp. 15-59.

SHUTTLEWORTH, M. & COWIE, M. *Dictionary of translation studies*. Manchester, UK: St. Jerome, 1999.

STEINER, G. “The claims of theory”. *After Babel*. London: Oxford University Press, 1975.

TAGNIN, S. (org.) *Cadernos de Tradução n. IX: Tradução e Corpora*. NUT: Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

TAGNIN, S. (org.) *TradTerm: Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia* v. 10. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

WYLER, L. *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.